

N.º 1

A BROCHURA SOCIAL

Série I

Fernando Pelloutier

A União dos Sindicatos e a Anarquia



Tip. A PUBLICIDADE
Rua do Diário de Noti-
cias, 147 a 151 — Lisbon

N.º 1

A BROCHURA SOCIAL

Série I

Fernando Pelloutier

A União dos Sindicatos e a Anarquia



Editores e proprietarios
Lima da Costa × × × ×
× × × × e Neno Vasco

Tip. A PUBLICIDADE
Rua do Diario de Noti-
cias, 147 a 151 — Lisboa

Shi

EXPLICAÇÃO

Tanto para facilitar a nossa empresa, como para mais seguramente atingir os camaradas da provincia, resolvemos adoptar o sistema das assinaturas. Isso nos adiantará o dinheiro necessario, sobretudo nos primeiros meses, e aos camaradas da provincia tornará mais cômoda a aquisição de folhetos: para os obter um por um, teriam que remeter, de cada vez, uma quantia minúscula e que gastar outro tanto na remessa, além do tempo; graças à assignatura, reduzem as perdas de tempo e de dinheiro, indo as brochuras ter-lhes a casa à medida que apareçam.

Faremos de modo que os opúsculos se sucedam em séries de tostão cada uma, isto é, editaremos a seguir dois folhetos de 30 réis e um de 40 réis; ou dois de 50 réis; ou um de 40 e outro de 60; etc. Assim, o assinante que subscrever e enviar 100 réis. receberá uma série; o que mandar 200 réis, terá direito a duas séries, ou a uma série, se quiser os folhetos em duplicata; o que remeter 300 réis, receberá três séries, ou três exemplares de cada opúsculo duma série; o que subscrever 1\$000 réis, pôde receber dez séries seguidas, ou cinco séries a dois exemplares, ou duas séries a cinco exemplares, etc.

Para o desenvolvimento da empresa a que metemos ombros, esperamos o apoio de todos os camaradas, não só preferindo a assinatura á compra avulso, como procurando difundir as obras por nós publicadas.

Lima da Costa

Neno Vasco

Shi

I

Aplicada ao estado economico e politico actual, a palavra *Sociedade* não tem sentido algum. Nada, com efeito, se parece menos com a associação, com a combinação das fôrças fisicas, intellectuais e naturais para o bem-estar geral, do que a peleja ardente na qual, de bom ou de mau grado, se acham os homens actualmente empenhados. Hoje nenhum esforço se faz que não tenha por fim, ou pelo menos por consequencia, aniquillar outros esforços; ninguem pensa nem se empenha senão em obstar ao livre exercicio das faculdades do seu vizinho; por toda a parte reinam a concorrencia, a rivalidade, a inveja, com o séquito que nunca as abandona: a calúnia e a violencia.

O medico invoca a doença; o soldado, a guerra; o comerciante, algum cataclismo

que rareie os productos; o industrial, uma superabundancia de braços que reduza a taxa dos salarios; o padre e o herdeiro desejam numerosos e opulentos mortos; o capitalista, poucos filhos; o filho, poucos irmãos e irmãs. E de todos estes desejos contraditórios nasce uma luta perpétua e sem misericordia, em que cada um busca talhar no património social o melhor e maior quinhão, sem ignorar que o excesso de bem-estar é feito do excesso de miseria, que ha quem morra por haver quem viva em demasia. Investigar deste estado antagónico a causa, as consequencias (tanto sob o ponto de vista economico como sob o ponto de vista politico) e, se é possivel, o remedio: tal é o intuito dêste estudo.

A causa de tal estado é a existencia dum valor de troca, isto é, dum sinal (possua ou não este sinal um valor intrínseco) encarregado de representar um pretendido valor correspondente de productos.

Efectivamente, este sinal tem dois vicios capitais: primeiro, presta-se ao assambarcamento e á capitalização; depois, em vez de garantir o trabalho, presente ou passado, de quem o possui, o que faz apenas é presumi-lo.

O sinal de troca (ou dinheiro) presta-se ao assambarcamento e á capitalização porque, em lugar de permanecer sinal, isto é, equivalente fiduciário e sempre exacto dos productos, torna-se tambem valor, isto é, mercadoria, objecto de tráfico e instrumento indispensavel do trabalho. Como ninguem pode ganhar sem que outrem perca (conforme a expressão dum doutor da Igreja), no dia em que a violencia brutal introduziu

a desigualdade na posse dêste sinal nasceu a lei da oferta e da procura, ou por outra, o aumento inversamente proporcional e sempre crescente da riqueza e da miséria, e dos seus corolários: a autoridade e a servidão.

Se a posse dos instrumentos de produção, ou pelo menos dos instrumentos naturais, o solo, por exemplo, se tivesse mantido livre para todos, em vez de se tornar no preço de certa quantidade de valores de troca, o homem que por um motivo qualquer, accidental ou natural, houvesse succumbido á miséria, teria no entanto conservado a faculdade de a ela se subtrair retomando o trabalho; e a aquisição de nova soma de bem-estar só do seu vigor e da sua intelligencia dependeria. Mas subordinando o assambramento dos instrumentos de trabalho á posse dum sinal, cujo valor nominalmente fixo, é na realidade instavel e arbitrario, excitou-se quem o possuia a torna-lo caro, isto é, a só entregar uma dada quantidade de dinheiro em troca duma quantidade *superior* de trabalho (daqui o sobre-valor, o sobre-trabalho, a usura sob todas as formas), e em seguida a obter, *custe o que custar*, a maior porção dele possível (daqui a concorrência, o dolo, a fraude).

Quanto a demonstrar, a garantir o trabalho de quem o possui, como pode o dinheiro faze-lo? Visto que a sua posse dá a faculdade de só o trocar por um valor superior de trabalho, ou melhor, pois que ele regula o valor da produção, claro está que, após algumas operações hábeis consistentes em dar pouco oiro por muitos

produtos e receber muito oiro por poucos produtos, o feliz mercador ficará dispensado ou de qualquer trabalho, ou ao menos duma parte do trabalho que ele teria de fornecer, se todos os homens fossem iguais em capacidade de compra. De modo que se pôde dizer que quanto mais endinheirado é um homem, menos trabalhou; a sua produção util é inversamente proporcional aos seus haveres.

Nisto está a origem do presente sistema social inteiro. A violencia, o despotismo, a fraude precederam, certamente, a criação dos sinais de troca; mas os sinais de cambio é que desenvolveram, completaram as engrenagens sociais, criaram, pode-se dizer, a complexa organização actual, e a historia antiga, especialmente a historia grega, abunda em testemunhos do papel nefasto por elles representado e dos esforços feitos por illustres legisladores afim de lhes diminuir a nocividade, quer variando-lhes a natureza e a forma, quer tornando-os de difficil accumulção.

II

No dia em que (constituída a propriedade individual, tornados os instrumentos de produção presa dos valores de troca) o proprietario pôde vender estes instrumentos por uma quantia superior ao seu valor ou adquirir-los por uma soma inferior, nesse dia nasceu a classe dos intermediarios, isto é, dos hábeis que, possuindo bastantes valores de escambo para serem dispensados duma produção pessoal, começaram a occupar-se apenas de comprar ao mais baixo

e vender ao mais alto preço possível os produtos fabricados pelos outros. E como estas operações não cessam de aumentar de era em era a desigualdade economica entre o intermediario, o negociante e o produtor-consumidor, mais depressa chegou a época de poder largar o trabalho util e tornar-se por sua vez parasita social todo individuo cubiçoso de substituir o labor manual pelo negocio.

A que ponto chegou a desproporção entre o preço de custo dos produtos e o seu preço de venda, todos o sabem — sem nela reflectir suficientemente ou sem ter a energia necessaria para lhe pôr côbro. Alguns exemplos entre mil:

Certos vinhos italianos, que valem no lugar de produção seis francos e meio, são comprados por junto a 48 francos e revendidos á razão de 70 a 80 francos, isto é, quasi quinze vezes o seu valor inicial.

O alcool comprado a 90° á razão de 52 francos o hectolitro é revendido a 45° até a 3 francos o litro.

O fato pago por 12 francos é vendido por 35.

Certos artigos de roupa branca, cuja produção (incluindo material e mão de obra) custou 15 a 20 francos a duzia, são vendidos á razão de 60 a 80 francos por junto, isto é, quatro tantos, e de 7 a 8 francos a peça, quasi cinco vezes o seu valor.

E assim em todos os ramos da produção, sendo este sobre-valor absorvido pelos direitos aduaneiros, pelos transitos complicados, pela remuneração dos inuteis comissarios, e sobretudo pelo juro do capital antecipado.

III

A criação, o desenvolvimento e por fim a sistematização dêste estado de coisas deram em resultado a divisão da humanidade em duas classes: uma pouco numerosa, abrangendo os homens que adquiriram a faculdade de viver e gozar sem trabalho pessoal; a outra, composta de milhões de homens obrigados pelo seu estado de miseria a produzir cada vez mais por uma quantidade cada vez menor de valores de troca.

Como esta desigualdade das classes fazia recear que a segunda se lembrasse um dia de sacudir o jugo da primeira, como, de facto, todas as idades presenciaram revoltas, ás vezes formidaveis, entre os escravos, os servos e os proletarios, a casta dos ricos, apenas constituída, viu a necessidade de se agrupar em torno do poder criado na origem de cada Estado, de o consolidar, de o estender, de fazer dele obra sua e instrumento seu.

Desde então constituíram-se progressivamente as milicias, os exércitos, as magistraturas, a policia, incumbidas de proteger o organismo social, os parlamentos, os ministerios, encarregados de o administrar. E como estas diversas funções custam caro sem produzir coisa alguma, os pobres tiveram que redobrar de esforços para satisfazer as necessidades dos parasitas. Assim como na ordem economica havia o mercante, cujo serviço unico (serviço estéril e inutil) consistia em transmitir do produtor ao consumidor, ou vice-versa, a oferta e a procura que estes poderiam fazer directamente; assim tambem houve na or-

dem politica, tanto para a mais leve como para a mais importante reforma, o intermediario incumbido de receber o pedido, o intermediario encarregado de ratificar ou rejeitar a sua approvaçãõ, o intermediario encarregado de a executar, sem contar os mil e um intermediarios de segunda ordem, mobilizando-se durante mezes, muitas vezes anos, centenaes de pessoas para a realizaçãõ de obras que o accordo livre e directo dos interessados teria concebido e levado a cabo dentro de poucas semanas. E tudo isto produzido, aperfeiçoado pela classe pobre, condenada assim a fabricar com as suas proprias mãos os instrumentos da sua servidão, e tam bem enrodlhada hoje em dia que se tornou impossivel desemmaranhar-se das redes sociais, a não ser despedaçando-as.

IV

A Revoluçãõ Social deve, pois, ter como objectivo a supressãõ do valor de troca, do capital que ele gera, das instituições que ele cria.

Partimos dêste principio: a obra revolucionaria deve consistir em desembaraçar igual e simultaneamente os homens de toda e qualquer autoridade e de qualquer instituição que não tenha essencialmente em mira o desenvolvimento da produçãõ material e intellectual. Por conseguinte, não podemos imaginar a sociedade futura (sociedade transitoria, pois que, por mais viva que seja a nossa imaginaçãõ, o progresso ainda o é mais, e amanhã talvez o nosso ideal presente nos pareça bem vulgar), não

podemos imaginar a sociedade futura senão como a associação voluntaria, livre, dos produtores.

Duas coisas nos parecem evidentes: a primeira é que a vida social se reduz á organização da produção. Comer e pensar, extrair da terra os frutos e do cérebro as ideias: tal deve ser toda a occupação humana. Ora, que papel desempenham na produção os parasitas (economicos e politicos) do estado social vigente? Suponhamos desaparecido o valor mercantil dos instrumentos de produção, isto é, acabada a obrigação de possuir valores de troca para os adquirir a baixo preço: aí temos todos os homens obrigados a trabalhar para viver, mas trabalhando cem vezes menos, porque em vez de trabalhar para aumento do capital, já o fazem unicamente para as suas necessidades do momento, e aí temos duma assentada suprimidos: o commerciante, cuja função social se limita a adiantar os valores de cambio que entesoirou; o soldado, feito para conquistar ao negociante novos mercados e para conter a multidão dos proletarios; o magistrado, incumbido de punir os rebeldes; o Estado, finalmente, ao mesmo tempo fonte e produto da classe possuidora e dirigente.

Verdade não menos evidente, e que responde a uma objecção comum, é que quanto mais aumenta a responsabilidade pessoal, mais se fortalece a razão do homem, e menos necessidade, portanto, este tem de leis e de travões para cumprir o dever social que consiste em ordenar commodamente a sua vida sem prejuizo para outrem.

Vêde que diferença existe (mesmo sendo iguais os salarios) entre a produção do homem que trabalha livre de qualquer vigilancia e a produção do que se acha constantemente sob o olhar do patrão; que diferença de trabalho ha, por exemplo, entre dois desenhadores industriais, dos quais um desenha em casa e o outro na officina. O segundo produz muito menos do que o primeiro. E porquê?

Porque existe no coração do homem, não esse sentimento pueril de insubordinação, indicado por uma observação superficial, mas o nobre e altivo desejo de afirmar a sua fôrça, a sua intelligencia, o melhor de si — a sua personalidade.

Em lugar, portanto, de esperar, para as suprimir, que o homem deixe de pensar em violar as leis, parece-nos que é necessario suprimir as leis para que o homem já não tenha que se insurgir contra elas.

V

Restabelecida assim a função racional da humanidade, resta instituir a associação dos produtores: associação livremente consentida, sempre aberta, mesmo limitada, — se os associados o julgarem conveniente ou simplesmente o desejarem, — á execução do objectivo que a originou, em summa, tal que ninguem nela tema as constricções morais, não menos incômodas do que os constrangimentos materiais: as violencias colectivas.

Qual deve ser a tarefa destas associações? Cada uma delas se encarrega dum ramo de produção: esta, do alojamento;

aquela, da alimentação ; est'outra, da arte. Umas e outras devem informar-se logo das necessidades do consumo, e depois dos recursos de que elas dispõem para as satisfazer. Quanto granito é preciso extrair cada dia, quanta farinha moer, quantos espectaculos organizar para uma dada população? Conhecidas estas quantidades, quanto granito e quanta farinha podem ser obtidos no lugar? Quantos espectaculos organizados? Quantos operarios, quantos artistas são necessarios? Quanto material ou quantos produtores é preciso pedir ás associações vizinhas? Como se hade dividir o trabalho? Como estabelecer os depositos publicos? Como utilizar, apenas conhecidas, as descobertas scientificas?

Pois bem, destas associações as actuaes Uniões de Sindicatos ou Bolsas do Trabalho (nome infeliz: Camaras do Trabalho seria mais digno) não nos dão uma ideia? Estas funções não são as que devem desempenhar ou que aspiram a desempenhar as federações corporativas que dentro de dez anos unirão os trabalhadores do mundo inteiro?

Que digo eu? A missão actual destas Camaras do Trabalho (embora esteja apenas esboçada a sua função economica) é bem mais complexa do que teria de ser a dos grupos de produtores numa sociedade diversa desta. Teem por fim investigar, não só o numero das profissões de cada região, a quantidade dos produtos colhidos, fabricados ou extraídos, a quantidade de produtos necessaria á alimentação e á conservação, a soma de trabalho indispensavel á manutenção do equilibrio entre a produ-

ção e o consumo, mas ainda as causas tam variadas, por vezes tam incompreensíveis, da depreciação dos salarios, a solução dos perpétuos conflitos entre o Capital e o Trabalho; fazer, numa palavra, muitos estudos absorventes, que, exigidos pela existencia do Capital, com este desapareceriam.

È como se desobrigam elas dêste encargo? Imperfeitamente, é incontestavel, sob o imperio dos preconceitos economicos, sem aquella liberdade de espirito que só se pode possuir depois de varridas todas as noções inculcadas, todos os respeitos impostos por um sistema social milenário, mas ainda assim com êsse instrumento formidavel, com essa guia perspicaz e segura que é a curiosidade de conhecer. Os esforços que elas fazem podem extraviar-se e os observadores superficiais desesperar; mas nelas existe o desejo do melhor, a sua boa vontade é firme, teem confusamente consciencia da sua fôrça e do seu papel; e não está nisto a garantia de que mais tarde ou mais cedo hão de achar o caminho que se nos afigura ser o melhor? de que um dia ou outro hão de descobrir no homem que produz o unico motor, e portanto na associação dos produtores a unica engrenagem util da sociedade?

Entre a organização sindical que se elabora e a sociedade comunista-anarquista, no seu periodo inicial, ha concordancia. Nós queremos que toda a função social se reduza á satisfação das nossas necessidades; o sindicato tambem o quer, é êsse o seu fim, e cada vez êle se emancipa mais da crença na necessidade dos governos.

Nós queremos o livre acôrdo dos homens ; o sindicato (de dia para dia melhor o comprehende) só pode existir expulsando do seu seio qualquer espécie de autoridade e de coacção. Nós queremos que a emancipação do povo seja obra do mesmo povo ; a organização sindical tambem o quer. Cada vez mais ali se sente a necessidade, ali se experimenta o desejo de administrar directamente os interesses proprios ; ali germinam o gôsto da independencia e a vontade da revolta ; ali se pensa nas oficinas livres onde a autoridade tenha cedido o lugar ao sentimento pessoal do dever ; ali se emitem, sobre a tarefa dos trabalhadores numa sociedade armonica, indicações de maravilhosa largueza de vistas, fornecidas pelos proprios trabalhadores (*).

Em summa, os operarios, depois de por tanto tempo se terem imaginado condemnados ao papel de instrumentos, querem tornar-se inteligencias para ser ao mesmo tempo inventores e executores das suas obras.

Que alarguem, pois, o campo de estudo assim aberto na sua frente. Que, comprehendendo que teem nas suas mãos toda a vida social, se habituem a pôr sômente em si proprios a obrigação do dever, a detestar e a despedaçar qualquer autoridade estranha. E' esta a sua missão e esta é tambem a mira do anarquismo.

(*) Citaremos especialmente um relatório apresentado a um Congresso das Bolsas do Trabalho por Claudio Gignoux, secretario, e Victorino Bruguiet, administrador da Bolsa do Trabalho de Nîmes.

As encomendas superiores a 9 exemplares gosam o desconto de 20 %, devendo ser pagas adiantadamente, sem o que não serão atendidas.

A B. S. não se responsabilisa pela entrega das encomendas a cuja importancia não fôr acrescentado o importe do registo do correio — 50 réis.

A B. S. satisfaz todos os pedidos de livros, nacionaes ou estrangeiros, desde que a sua importancia seja antecipadamente paga, acrescentando-se-lhe 10 % para despezas do correio, nas publicações nacionaes; e o duplo nas publicações estrangeiras.

Escétuam-se destas condições os pedidos de folhetos editados por qualquer grupo.

A SEMENTEIRA

Publicação mensal ilustrada. — Avulso, 20 réis. — Anno, 240 réis.

Leitura que recomendamos:

José do Vale — <i>A Revolução Burgueza e a Revolução Social</i>	20 réis
E. d'Oliveira — <i>Dicterios</i> (versos)	20 "
C. de Lisle — <i>A Propriedade e o Socialismo</i>	20 "
P. Krapótkine — <i>O Governo Revolucionario e os Direitos Politicos</i>	20 "
P. Delesalle — <i>A Confederação do Trabalho</i>	30 "
R. Mella — <i>Aos Camponeses</i>	20 "
A. Pinho — <i>Pela Educação e pelo Trabalho</i>	30 "
F. Domela Nieuwenhuis — <i>A Mulher e o Militarismo</i>	30 "
E. Malatesta — <i>Programa Socialista-Anarquista Revolucionario</i>	40 "
F. da Silva — <i>Teatro Livre e Arte Social</i>	30 "
B. Betencourt — <i>Catecismo Ateu</i>	30 "
Libertas — <i>O Rei e o Anarquista</i>	30 "

A correspondencia relativa á **Brochura Social** deve ser dirigida a rua da Barroca, 94, 2.º E., re **A Sementeira** — Lisboa.

AHS

4011
Sini